

30 DE NOVEMBRO DE 2007  
Quarta de Maio

Este suplemento faz parte  
da edição n.º 27974  
de 30 de Novembro de 2007,  
do jornal Diário do Alentejo,  
que poderão ser vendidos  
separadamente.

# Património



IGREJA  
DE  
S. PAIO  
DE ANTAS

Esposende

Textos:  
José Carlos Ferreira  
Francisco de Assis  
Fotos:  
Francisco de Assis



## Introdução

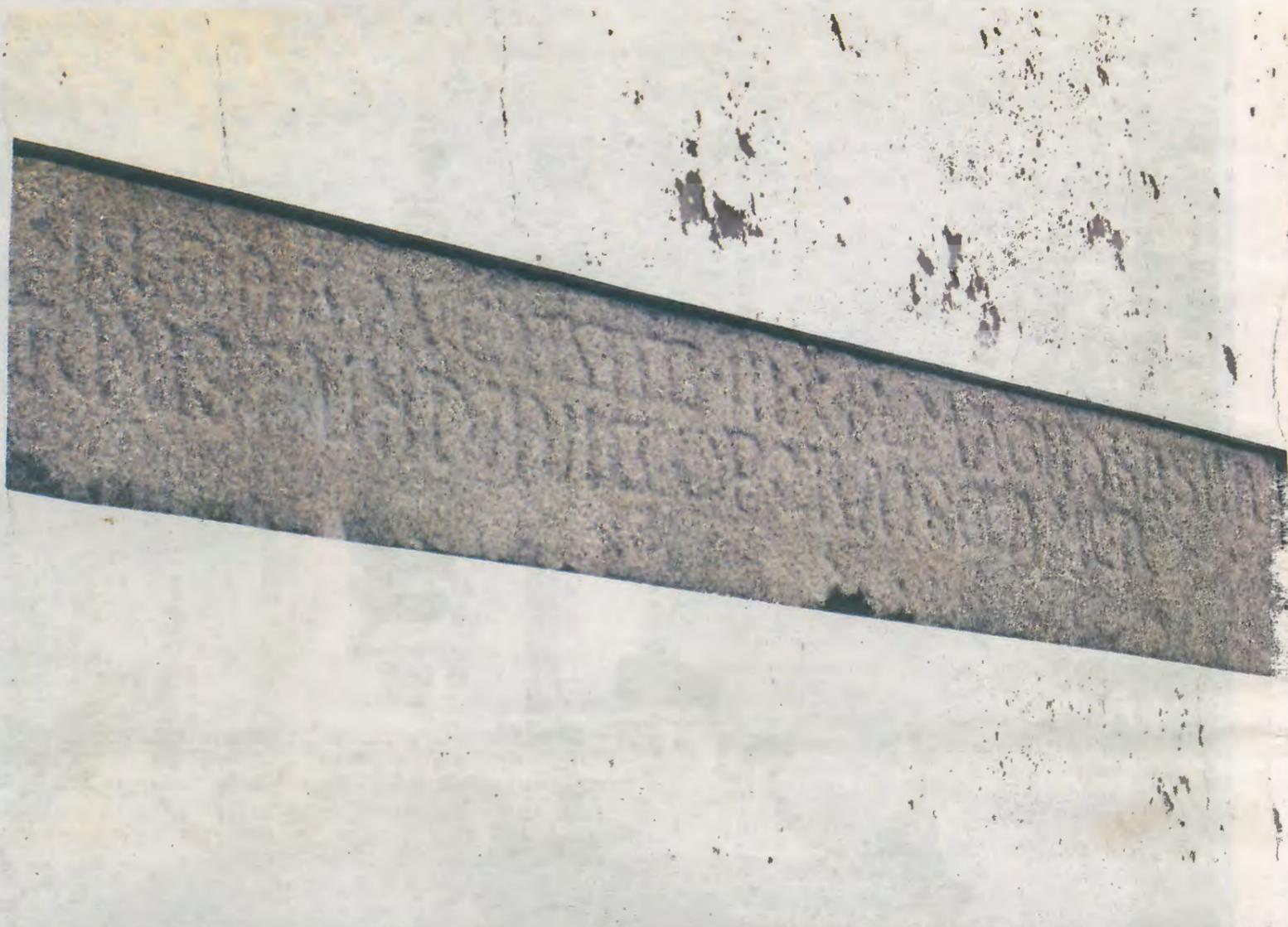
Depois da lição de História de Portugal, contada através dos Painéis de Azulejos de Forjães, pintados e desenhados de forma exímia por Jorge Colaço, o suplemento "Património" aborda hoje a "Igreja de S. Paio de Antas".

O nome "antas" [monumentos funerários] invoca a antiguidade pré-histórica da localidade. No entanto, o nome é apenas mais um indicativo da antiguidade e riqueza histórica da freguesia. E os vestígios arqueológicos encontrados, assim como os primeiros documentos da nacionalidade portuguesa confirmam a vivência secular em S. Paio de Antas.

No entanto, na edição de hoje, a nossa atenção está centrada na igreja paroquial, nomeadamente as sucessivas igrejas da freguesia, pelo menos desde a Idade Média até à actualidade. A estatuária, particularmente rica e, sobretudo, muito bem documentada no livro "A nossa terra e suas devoções - Perspectiva Histórica e Pastoral", editado em S. Paio de Antas, em 2002 também será focada. Ainda dentro do templo, é de justiça assinalar os dois fabulosos troncos: o antigo altar-mor, conhecido como Altar da Montanha; e o actual altar-mor, uma grandiosa obra de arte, recentemente concebida.

É igualmente importante assinalar o fabuloso cruzeiro paroquial. Apesar de não ser tão antigo, é de uma enorme riqueza simbólica e iconográfica. É, por isso, um ponto de visita obrigatório.

# Primeira igreja de S. Paio de Antas terá sido fundada no século XII



> Inscrição na parede exterior do lado Sul que testemunha a fundação da igreja de S. Paio de Antas

terá sido edificada no século XII, mais concretamente em 1125 da era cristã, muito provavelmente no local conhecido pelo sítio dos Coutos.

«Para determinar a data da fundação da igreja de S. Paio de Antas temos, por sorte, uma inscrição que se encontra no exterior do lado Sul da actual igreja paroquial da freguesia», afirma Adélio Torres Neiva, no seu livro intitulado "S. Paio de Antas, sua história, sua gente".

Segundo explica, «inscrições deste tipo encontram-se em várias outras igrejas, como por exemplo em Castelo do Neiva e S. Romão» e nelas estão sempre incluídas uma data, podendo ainda trazer o nome do fundador como o do bispo sagrante. No caso concreto de S. Paio de Antas, a inscrição, para além de nos fornecer uma data, dá-nos também o nome do fundador, sendo curioso o facto de haver duas leituras ligeiramente diferentes desta epígrafe. Na sua versão original, lê-se na inscrição "IN ERA MC LXIII Xº KL MAGIII D BA SUA / RIUS FUNDAVIT OPERA ISTA MER".

Segundo o autor de um artigo incluído na publicação "O Archeologo Português", Volume XXVI, editado em 1924, a interpretação que efectuou através de uma fotografia que

afirma ter visto, é a seguinte: "Na era de 1163, aos 22 de Abril, Dom Paio Soares fundou por mercê estas obras". «Devo consignar aqui o valioso auxílio prestado na leitura pelo meu esclarecido amigo e distinto arqueólogo padre Jesus Carro Garcia, de Santiago de Compostela», afirma o autor do artigo.

No entanto, Adélio Torres Neiva, baseado na leitura de Pedro Vitorino, afirma que a leitura da inscrição é ligeiramente diferente. Segundo expõe, a epígrafe deve ler-se «Na era de 1163 décimo dia das calendas de Maio (ou seja: aos 28 de Abril) D. Paio (em vez de B devia ser um P) Soares fundou estas obras por mercê (quer dizer: por dádiva, gratuitamente)». O investigador realça ainda que «o ano de 1163 corresponde a 1125 da era cristã».

### Igreja nova ou obras profundas?

Uma das questões que se coloca aos historiadores é se esta inscrição se refere a uma igreja fundada de raiz ou se se tratou de uma obra de fundo, totalmente transformadora de um templo mais antigo.

Para Adélio Torres Neiva, a expressão "fundou estas obras", «à primeira vista parece tratar-se de uma ver-

dadeira fundação, não de simples reparação». «Mas a verdade é que esta data não se enquadra com a da fundação da freguesia. Com efeito, a freguesia foi fundada o mais tardar antes de 1099, pois já aparece no Censual de Entre Lima e Ave que tem esse ano como data limite», acrescenta.

Assim, é legítimo perguntar, como se explica que uma paróquia estivesse mais de 40 anos sem igreja? «A única resposta seria ou que já antes existiria uma outra igreja ou que então se trata de uma reforma ou reconstrução de tal maneira substancial que D. Paio Soares a considerou uma igreja totalmente nova», responde Adélio Torres Neiva. Ainda segundo o investigador, é credível que esta segunda hipótese seja «a mais provável, certo como era que, em geral, a construção das igrejas no período anterior era muito pouco apurada e bastante improvisada».

Mas as provas de que existiu uma igreja medieval em S. Paio de Antas não se ficam apenas pela inscrição patente no actual templo. «De 1158 temos um outro documento a confirmar a existência da igreja: Mendo Soares doa ao Arcebispo de Braga D. João Pecu-

liar o "direito que tem na igreja de S. Paio de Antas", com a condição de lhe prestarem assistência a ele e ao filho a partir desta», afirma Adélio Torres Neiva.

Também as Inquirições do século XIII, realça o investigador, dão conta que a paróquia possuía «avultados bens, que a classificavam entre os maiores proprietários da freguesia. «Pelo catálogo das igrejas de 1320 sabemos que a igreja devia pagar ao rei cem libras como subsídio de guerra contra os mouros. Fala-nos de novo na igreja de S. Paio de Antas o Arcebispo D. Fernando da Guerra quando em 1429 a anexou ao mosteiro de S. Romão», acrescenta ao autor de "S. Paio de Antas, sua história, sua gente".

Segundo explica, esta anexação acabaria por ser anulada pelo mesmo prelado, para conceder, a 23 de Março de 1450, a Diogo de Viana, cónego de Braga e Vedor do Arcebispado, o benefício desta igreja.

Pouco tempo depois, «a 20 de Abril de 1480, o Arcebispo D. Luís Pires, incumbido pelo Papa da reforma do clero, anexava de novo, como já vimos, mas agora "in perpetuum", a igreja ao mosteiro de S. Romão», conta Adélio Torres Neiva.

Os investigadores, baseados numa inscrição existente na parede do lado Sul do actual templo, que data do século XVIII, acreditam que a primeira igreja de S. Paio de Antas

# Edificação da igreja no actual terreno pode dever-se aos frades de S. Romão

O investigador Raul Saleiro acredita que a trasladação da igreja primitiva, do sítio dos Coutos para o terreno onde se encontra agora o templo de S. Paio de Antas, ocorreu já na Baixa Idade Média, por iniciativa dos frades do Convento de S. Romão do Neiva que detinham o seu padroado.

No seu entender, essa igreja era bem mais pequena do que a actual. Segundo explica, ela possuía, inicialmente, apenas uma nave, correspondendo à ala do lado direito de quem agora entra no templo, sendo o seu comprimento até à terceira coluna. Para Raul Saleiro, «em princípio, pensa-se que a nave do lado direito, chamada nave do Santíssimo, teria sido a primeira capela, seguindo-se depois uma ampliação, com a construção de uma nova nave exactamente igual à primeira e a colocação de colunas.

«Se bem repararmos, as duas primeiras colunas, quem conta a partir do altar, não têm a mesma cor das outras duas que estão mais perto da porta da entrada. As duas primeiras são originais da antiga igreja. Isso vê-se pelo tom do granito. Todas as outras colunas são cópias destas duas, que são originais. Pensa-se que serão do século XVI e que foram colocadas aqui a mando dos fidalgos da Casa de Belinho», sustenta.

Assim, é possível deduzir-se que a igreja, quando foi construída, teve como primeiro altar-mor aquele que ainda hoje é conhecido por Altar do Santíssimo Sacramento ou Altar da Montanha, onde permanece uma pequena porta que dá acesso directo à sacristia. Depois, quando foram colocadas as colunas, o templo terá sido ampliado, fazendo-se um novo altar-mor.

## A igreja no século XVII

No que diz respeito a outras in-

tervenções na igreja de S. Paio de Antas, elas surgem-nos bem documentadas a partir de 1699. Segundo Adélio Torres Neiva, no seu livro "S. Paio de Antas, sua história, sua gente", «de facto, os Livros das Visitações são minuciosos nos detalhes que nos oferecem sobre as venturas e desventuras da vida da igreja».

«O fio das informações começa com um testemunho que confirma uma das constantes da igreja de S. Paio de Antas através dos tempos: o seu asseio e limpeza», afirma o investigador. Segundo explica, «a responsabilidade da manutenção e conservação da igreja cabiam ao Procurador Geral da Congregação de S. Bento, pois que a igreja estava anexa ao mosteiro de S. Romão e para este mosteiro iam os proventos da mesma igreja. Já no século XVII, acrescenta Adélio Torres Neiva, «a igreja era formada por duas naves: uma que constituía verdadeiramente o corpo da igreja e outra lateral, do lado Sul, onde estava o altar do Santíssimo Sacramento e que estava confinada à Confraria do mesmo Santíssimo Sacramento». Através do Livro das Visitações é possível verificar que em 1713 este templo «possuía os seguintes altares: o altar-mor, o do Santíssimo Sacramento na nave lateral, o da Senhora da Conceição, o de Santo António e o de S. Brás».

«Em 1777 era mandado construir pelo visitador de então "um nicho ou capela para colocar a imagem do Senhor dos Passos", mas o altar só será construído mais tarde. A devoção a S. Brás estava muito espalhada nestas terras do litoral, por causa das frequentes doenças da garganta de que este Santo era advogado», realça o investigador.

No ano de 1732, as informações dão-nos conta que a capela-mor estava bastante degradada, ameaçando ruína. Segundo o visitador,



A igreja foi transferida para o terreno actual na Baixa Idade Média

o «Procurador da Congregação do Patriarca S. Bento se tem havido em descuido no asseio da capela maior desta igreja e paramentos dela e por ver que a dita capela esta quase arruinada e em termos de se vir abaixo; por tanto mando que dentro em seis meses, mande reformar a dita capela». No entanto, afirma Adélio Torres Neiva, «estas obras, apesar de julgadas urgentes, não mereceram imediato cumprimento», uma vez que, no ano seguinte, o visitador salienta que o Procurador «se tem havido descuidado em cumprir com as obras marcadas na visita passada». Por fim, entre as várias obras referidas ao longo do século XVIII, é interessante destacar a construção de um torreão em 1790, mas que já vinha a ser reclamado pelo visitador desde 1786. Nesse ano ficou determinado que o «Juiz da igreja mandará fazer um

torreão ou campanário para o sino», uma obra que, em 1788, não estava realizada e que obrigou o visitador a ser um pouco duro, ameaçando os responsáveis com sanções. A 29 de Novembro de 1790, o torreão já estava construído, mas exigia-se a colocação de uma escada. Após alguns anos sem dar cumprimento ao exigido, «a escada foi construída, mas

certamente de madeira, pois que a 10 de Julho de 1799 o visitador dava ordem para substituir a escada de pau por uma outra de pedra», mas, «em 1802 ainda a ordem não tinha sido executada», conta Adélio Torres Neiva. Já em 1804, o visitador, vendo que não havia dinheiro, desiste da ideia das escadas e manda que se abra uma porta do coro para a torre.



Pia de água benta que pertenceu à primeira capela



A nave do lado Sul terá sido a primeira capela

# Da grande decadência e desmazelo ao renascer da igreja de S. Paio

**H**á circunstâncias e alturas da vida em que é preciso que as coisas batam no fundo para que haja um despertar de consciência, que deve ser seguido da tomada de uma atitude. Ora, tudo aponta para que seja isto o que se passou em relação à igreja paroquial de S. Paio de Antas, no dealbar do primeiro quartel do século XIX.

Numa deslocação à freguesia, em Outubro de 1808, o visitador não poupou os responsáveis de então pelo desmazelo a que a igreja estava votada. Apesar de algumas obras, nomeadamente a construção das novas escadas de pedra para a torre sineira e a aquisição de um novo sino, o templo apresentava sinais de desmazelo, designadamente a falta de pintura do altar-mor e deformação de imagens.

Na obra "S. Paio de Antas, sua história, sua gente", de Adélio Torres Neiva, o autor cita o "Livro das Visitações", onde se pode ler as recomendações em relação ao estado das imagens. «A quem pertencer faça compor o pé esquerdo da imagem de S. José, e não sofra neles nem outros mais ornamentos, como um chapéu de peralta que eu lhe tirei da cabeça, digo não sofra o reverendo pároco pena de semelhantes profanações de futuro se lhe terem a culpa», ameaça. Essa imagem de S. José será o "carpinheiro", actualmente na sacristia, e não S. José, esposo de Maria.

Mas o visitador vai mais longe e recomenda outras intervenções, como o arranjo do altar colateral e ainda as mãos de Nossa Senhora.

No entanto, é a partir de 1816 que surge um aviso mais alarmante, tendo em conta que, desta vez, o que estava em causa era a segurança dos fiéis. «Vi que a igreja desta freguesia está mal segura e ameaçando ruína e por isso mesmo estar necessário, para evitar maiores despesas à freguesia, que se ponha em estado de segurança pelo modo que for mais cómodo aos fregueses. Portanto, o juiz do Subsino [uma espécie de Comissão Fabriqueira da actualidade, mas com mais poder] faça chamar um oficial inteligente e ouvido este em presença de homens de fala que tomem as medidas convenientes para se fazer o que necessário for a este respeito».

O visitador deu um mês para que o juiz começasse essas e outras obras, chamando particular atenção para os supedâneos dos altares laterais que, por estarem «velhos e já estragados, estão indecentes», precisando, por isso, de serem consertados. Não deixa de ser interessante, aos olhos dos nossos dias, em 2007, que a multa aplicada, em caso de incumprimento



> Igreja de S. Paio de Antas chegou a ser considerada a mais bela de Esposende



> Imagem do padroeiro, S. Paio, no telhado da igreja



> O saudoso padre Mota deixou um magnífico terreiro à paróquia

era de dez tostões. Mas tinham que ser pagos à custa do juiz. Também a pia baptismal mereceu reparo na visita de 1825, porque estava «indecente». Por isso, o visitador deu ordens para que fosse quebrada e enterrada no adro e que se providenciasse uma nova. Descobri-se se a ordem foi cumprida, porém, acreditamos que sim, tendo em conta que a actual aparenta ser relativamente nova.

## Reforma aconteceu entre 1879 e 1904

Os reparos ao estado da igreja pros-

seguiram ao longo do século XIX. No entanto, os "remendos" eram tantos que, a dada altura, era necessária uma reforma de fundo. Por outro lado, aproveitou-se a circunstância de a freguesia precisar de um templo maior para uma grande reforma.

Antes de entrar na fase da reforma, vale a pena referenciar ainda dois aspectos: por um lado, que o visitador criticava, mas também elogiava, como fez na visita de 1821, em que dizia que o muito zelo sobressaltava a outras freguesias. Por outro lado, referir que, na

resposta ao Inquérito Paroquial de 1845, ordenado pelo vigário geral da arquidiocese de Braga, as indicações dadas sobre a igreja de S. Paio de Antas eram muito positivas. É curiosa a referência sobre a continuidade da paróquia, o que significa que essa possibilidade foi colocada.

De facto, a chegada do padre Bento José da Mota viria a marcar, para sempre, uma nova era na igreja e na própria freguesia, pela atenção que dedicou também aos mais necessitados. Adélio Torres Neiva escreve que a transformação foi efectuada

em duas fases: a primeira entre 1879 e 1895 e a outra que se prolongou até 1904.

Foi, aliás, à conta do padre Mota que a igreja tem hoje um magnífico adro, espaçoso e engrandecido com um belo cruzeiro. Nessa mesma altura, o sacerdote adquiriu terreno para a construção de um novo cemitério.

O padre Bento José da Mota foi, efectivamente, o responsável para o significativo melhoramento do templo, com mais espaço, mais belo e mais dignidade para os fiéis, como veremos a seguir.

TEMPLO QUASE NOVO E UM CRUZEIRO ICONOGRAFICAMENTE RIQUÍSSIMO

# Igreja ganhou uma nave uma sacristia e uma torre

**T**al como ficou alinhavado na página anterior, a reforma levada a cabo pelo padre Bento José da Mota fez com que, nos finais do século XIX e princípios do século XX, a freguesia de S. Paio de Antas ficasse com uma igreja praticamente nova. Basta ver que, o templo passou a ter três naves, uma central e duas laterais, num trabalho de simetria bem concebido; uma nova torre sineira, dando altivez e grandiosidade ao espaço sagrado; uma nova e espaçosa capela-mor, uma sacristia para guardar as alfaías da Confraria do Santíssimo Sacramento, entre outras obras.

Foram acrescentos em largura, altura, comprimento e estruturas para o culto Divino que fizeram com que a igreja fosse, de facto, considerada quase nova.

As obras estão descritas na publicação "S. Paio de Antas, sua história, sua gente", em que o padre Adélio Torres Neiva, baseado nos mais variados documentos da época, nos mostra a dimensão da intervenção. Aqui, vale a pena sublinhar outro mérito do padre Bento da Mota. Além de ter feito as obras, descreveu-as no jornal "Novo Cávado", em crónicas intituladas "Memórias do Pe. Bento".

O sacerdote justificou de forma curiosa, a reforma, desdenhando claramente da antiga igreja: «Era muito pequena, baixa e cheia de defeitos; a capela-mor era um nicho e torta; o arco cruzeiro era baixo e estreito; a altura da igreja era toda no correr da sacristia paroquial; o forro quase descia sobre a padieira da porta travessa; a torre era uma porcaria de gato», descreveu. Mas nem tudo era mau, tinha duas coisas razoáveis: «o altar do Santíssimo Sacramento que, apesar de ter caído sobre ele uma mão de sapateiro [ironia para um trabalho mal feito], ainda assim se concertou», porque, felizmente, apareceram algumas peças que lhe tinham tirado. Não deixa de ser interessante a forma como classifica algumas intervenções. Por exemplo quando diz que o altar do Santíssimo sofreu uma judiaria: «pregaram-lhe um cepo de castanho sobre a porta do sacrário, para se poder amarrar a ele um indecente pavilhão, cortaram-lhe os cantos e não sei que mais». A modificação mais evidente foi a criação de uma nova nave lateral; o templo passou a ter uma nave central e dois laterais, separados por arcos de volta inteira. A capela-mor mudou de lugar, mas

felizmente, foi preservado o Altar da Montanha, ainda que com algumas mutilações.

## Altars e cruzeiro

A "tortinha da capela-mor", como lhe chamava o padre Bento da Mota, foi abaixo, assim como o arco cruzeiro, que foi alteado e ganhou uma grande sanefa dou-rada.

Foi nessa altura que foi feito também o altar de Nossa Senhora das Vitórias, pago por "Pacheco de Belinho", «por milagre que lhe fez dando saúde à sua mulher». Assim, de uma igreja desmazelada e em ruínas, «princípios-se a dizer que S. Paio de Antas era das mais bonitas do calcanhar do mundo». O pároco estava contente, mas discordava porque ainda via defeitos, entre eles a torre, mas que acabou por resolver, construindo uma nova e arranjando novos sinos para ela. No exterior, também houve significativas mudanças, nomeadamente na frontaria, com novos elementos decorativos.

O principal reformador da igreja de S. Paio de Antas tratou dos vivos, procurando melhores condições para a prática da fé cristã, mas também teve o cuidado de dar dignidade aos mortos, construindo um cemitério. É verdade que não tinha dinheiro, mas teve dinamismo e sabia ir buscá-lo a quem tinha. Entre os beneméritos da freguesia está o Barão do Maracanã, sepultado no cemitério da freguesia, onde está também o padre; Inácia da Cunha Sottomayor, Maria Adelaide e o esposo Gonçalo da Cunha Sottomayor, entre outros ricos da localidade.



> São Paio, na fachada, bem decorada no século XIX

A par da igreja, com os seus afamados adro e terreiro, há outra estrutura digna de ser cuidada e visitada. Estamos a falar do cruzeiro paroquial, sem qualquer dúvida, um dos mais ricos da região, em termos simbólicos e iconográficos. É digno de uma visita e contemplação demorada. «É um cruzeiro historiado, de tradição galega e é dos mais importantes do Minho em termos de representação e de iconografia e como trabalho artístico. É uma peça riquíssima, como a coroação da Virgem, uma coluna salomónica, os símbolos da paixão de Cristo e a vida de S. Paio. Com certeza que merecia uma classificação», refere o investigador Manuel Albino Penteadó Neiva.



> Magnífico cruzeiro, de tradição galega, no largo da igreja



> Obras deram beleza, conforto e amplitude à igreja

FAZ AMANHÃ 103 ANOS QUE O ARCEBISPO DE BRAGA VISITOU S. PAIO DE ANTAS

# Altar da Montanha destaca-se entre a arte da talha da igreja

O século XX começou bem para a igreja de S. Paio de Antas. O ano de 1904 foi, de facto, de graças para a freguesia e para os paroquianos. Além de terem ficado com uma igreja renovada, um adro, um cemitério e um riquíssimo cruzeiro, receberam a visita do então arcebispo de Braga, D. Manuel Baptista da Cunha, que estava em Visita Pastoral a Esposende.

A visita aconteceu no dia 1 de Dezembro de 1904, às 11 da manhã. Segundo os relatos da época, a satisfação não foi só dos paroquianos. O prelado também estava tão feliz que considerou ter fechado a visita com "chave de ouro".

Depois de ver o estado das alfaias, a pia baptismal, sacrário, santos óleos, altares, paramentos e registos, a comitiva expressou assim o sentimento: «muita satisfação sentimos ao ver esta igreja elegante, muito asseada, bem abastecida de todos os paramentos e alfaias para o culto, na qual se tem feitos importantes obras de restauração, o que se deve ao zelo do reverendo pároco e à cooperação de alguns paroquianos», lê-se no livro S. Paio de Antas sua história sua gente, citando o Livro das Visitações. É relevante constatar que, no dia, foram crismadas 1900 pessoas, números impensáveis nos dias de hoje.

Passados os anos de entusiasmo da igreja nova e da recepção do responsável máximo da arquidiocese de Braga, sem o cuidado, a igreja começou-se a ressentir. E em 1923, o correspondente do jornal "O novo Cávado" chamava atenção para a degradação do templo e dos arredores. «O frontespício da igreja está uma vergonha; é preciso reformar muros do cemitério, plantar no adro castanheiros que dão bons frutos e bons paus. A igreja paroquial desta freguesia, a mais sumptuosa do concelho, encontra-se em estado vergonhoso. A fachada está imunda bem como o interior da mesma», revelava.

Não há notícia de outras intervenções, mas sabe-se que, no ano seguinte, foram plantadas as árvores no adro.

Em relação a obras do século XX, o padre Adélio Torres Neiva explica que, 1976 volta a marcar a igreja de S. Paio de Antas. Desde essa altura, o templo tem tido diversas intervenções que o tem mantido sempre em bom estado. Para tal tem contribuído o padre Manuel Brito Ferreira que tem conseguido mobilizar asso-



» O Altar da Montanha ou do Santíssimo é uma peça muito rica



» Altar do Senhor dos Passos, com S. Torcato, oferta do barão de Maracanã

ciações, forças vivas da freguesia e o povo em geral para a necessidade de fazer melhoramentos e manutenção.

## Altars e imagens

Uma das mais importantes peças de arte da igreja é o Altar da Montanha, também chamado do Santíssimo Sacramento, antigo altar-mor, antes da intervenção dos finais do século XIX. O seu valor provém não só da sua antiguidade, por ser dos poucos testemunhos dos templos anteriores, mas também pelo facto de ter sido o altar-mor, artisticamente muito valioso. Aliás, a importância deste local advém também do facto de, provavelmente, ter sido ali a primeira capela da igreja, no entendimento do investigador Raul Saleiro.

O altar é uma peça composta por três andares, sendo que as duas partes de cima são originais, e a parte de baixo, mais barroca, foi bastante modificada, mas sem perder beleza.

Como já foi dito, a maior parte dos altares foi construída por ocasião da grande reforma, no virar do século XIX. Destaque para o da Senhora das Vitórias, de grande devoção popular, mas também o altar do Senhor dos Passos, uma oferta do barão de Maracanã, um dos beneméritos da igreja. Debaxo do altar do Senhor dos Passos está a imagem de S. Torcato, na mesma posição em que está o seu corpo incorruptível, na sua monumental igreja, na freguesia de S. Torcato, em Guimarães.

A devoção a Senhora das Vitórias terá começado em 1627, com o rei francês Luís XIII, coadjuvado pelo cardeal Richelieu, seu ministro. O padre Manuel Brito Ferreira, que continua a liderar a paróquia, tem procurado, além de manter limpo e conservados os altares, manifesta preocupações com colocação das imagens. Aliás, sobre este aspecto, basta ler o padre Adélio. «O zelo extremo do padre Brito Ferreira há de



» Imagens antigas, com destaque para S. José, carpinteiro

matéria, como em outras, é inconfundível e inultrapassável», diz, em tom elogioso. Em termos de estilo, os altares revelam o seu período construtivo, ou seja, o período neoclássico, ainda

que com alguns elementos do estilo império. Além das imagens invocadas nos respectivos altares, há outras antigas e valiosas, devidamente guardadas.

# Reformulação do altar-mor foi a última grande obra

A reformulação do altar-mor, nomeadamente do retábulo e Sacrário, foi a última grande obra realizada na igreja de S. Paio de Antas, que foi levada a cabo em 2000, Ano Jubilar. Segundo José Manuel de Oliveira Ribeiro, num trabalho intitulado "O Sacrário a Arte e os Devotos", «o retábulo e Sacrário apresentavam algumas fissuras na sua estrutura estática e um fracturamento disseminado da pintura e pigmento», registando-se, «a par disso, várias intervenções menos próprias efectuadas» que «deixaram marcas de qualidade duvidável quer em simulações de talha, quer em implantes pouco ajustados à estrutura particular das partes a que se encontram anexas». Na sua opinião, «uma intervenção de carácter parcial que apenas restituísse a dignidade original à estrutura parecia insuficiente». «Porém, pensou-se que algumas estruturas originais apresentavam deficiências ao nível do equilíbrio estético geral da obra, como o eram os arredondamentos do ático. Entendeu-se que a opção por uma valorização da estrutura retabular existente não seria descabida e se inseria como lógica no âmbito da proposta de conservação», sustenta.

José Manuel de Oliveira Ribeiro realça ainda que, depois desta análise, foi evidente a necessidade de uma intervenção no Sacrário e na tribuna. «O Sacrário porque constituía um lugar de dignidade e nobreza exigidas, derivadas da função a exercer; a tribuna porque distante na qualidade da restante obra geral», explica.

«A opção pela ruptura com o existente na intervenção a efectuar em favor de uma certa miscigenação de modelos e linguagens poderiam instituir um risco óbvio. Mas, entendeu-se persegui-lo pelas vantagens de qualidade e de exigência a que obrigaria», acrescenta.

## Centralização da fé na Eucaristia

Na sua obra, José Manuel de Oliveira Ribeiro garante que, «sem qualquer intenção pedagógica iconoclasta, a opção que se tomou pretendeu, sem mais, efectuar uma valorização eucarística genuína, sem cair numa obsessão nem barroca nem jansenista.

Assim, descreve, «a decoração por que se optou para os painéis do frontal foi baseada na existente nos painéis do ático e da banqueta do retábulo nos painéis laterais ao Sacrário», constituindo-se «três grinaldas de rosas, com suas folhas, uma para cada painel, separados entre si por um filete igualmente entalhado». Por outro lado, acrescenta, «a



> Altar Mor da Igreja de S. Paio de Antas



> Pormenor da tribuna do altar-mor

linguagem iconográfica sai ainda reforçada pelas quatro colunas maiores do retábulo, que «são o elo entre a estrutura superior e a inferior e são o símbolo da solidez. No Sacrário salienta-se a repetição do esquema retabular das colunas, «exactamente com a mesma configuração e com o mesmo fingido», pretendendo-se, assim religar a carga significativa ao mistério central da fé Eucarística.

«A fisionomia do Sacrário introduzido na estrutura retabular pretendeu acentuar a riqueza iconográfica já existente. A sua dimensão e volumetria resulta avantajada relativamente ao pano retabular e pode parecer pouco convencional a sua estrutura», afirma José Manuel de Oliveira Ribeiro, acrescentando que o conceito que presidiu à sua concepção e estruturação foi o de pavilhão ou tenda. Segundo explica, houve uma «trinomia que presidiu à concepção e elaboração da peça: tradição, integração e distinção». Para que os fiéis facilmente identificassem o Sacrário em todo o conjunto, refere, «foi a definição de uma porta com dimensão e nobreza tais que marcassem o contexto Eucarístico». «A solução da custódia e das espigas e uvas foram os referentes

tradicionalmente usados que foram preferidos por nos parecer que proporcionam um relacionamento imediato à função. A introdução de uma visão parcial do globo é um elemento novo que pretendeu dar importância ao contexto universal, salvífico e redentor da Eucaristia», revela.

Por fim, uma referência também à tribuna do altar mor, cuja alteração teve como objectivo que fosse uma continuação do Sacrário, «não no sentido de insinuar-se unificação, mas no sentido de sugerir-se relação». Segundo José Manuel de Oliveira Ribeiro, «as decorações em franjas de folhas de acanto nos degraus marcam essa relação formal».

«A opção pelos degraus com bossa ou papo pretendem equilibrar a volumetria da tribuna com a do Sacrário, dado o espaço exíguo que o camarim disponibiliza. O restante décor do camarim com o azul celeste, as nuvens e os anjos recorda o contexto das revelações bíblicas e pretende evidenciar pela tonalidade do cromatismo o carácter misterioso da proximidade e inefabilidade da presença divina. O círculo radiante alude a Cristo, na utilização do símbolo cristológico mais universal, o sol», descreve José Manuel de Oliveira Ribeiro.



> Anjo tocheiro colocado sobre uma base com uma figura curiosa



A paróquia de S. Paio de Antas celebra anualmente Nossa Senhora das Vitórias, uma invocação que, segundo vários investigadores, está relacionada com as guerras religiosas travadas entre cristãos e protestantes na Europa do século XVII.



Na igreja de S. Paio de Antas encontra-se uma imagem de S. Brás que já era referida nos Livros das Visitações do início do século XVIII. A devoção a este santo estava muito espalhada no litoral por causa das frequentes doenças da garganta.



O cruzeiro paroquial de S. Paio de Antas, datado de 1898, é uma verdadeira obra de arte que merece um olhar atento, para se admirar os diversos elementos nele representados. Segundo a tradição, ele terá sido construído por artistas das Neves.



O padre Bento José da Mota faleceu em 1913 e está sepultado no cemitério paroquial de S. Paio de Antas, onde foi pároco 35 anos. A campa possui um retrato pintado do sacerdote, que apresenta sinais de alguma degradação.



Um dos grandes beneméritos para a construção da igreja de S. Paio de Antas foi o Barão de Maracanã, que se encontra sepultado no jazigo de família no cemitério paroquial.



A pia baptismal da igreja de S. Paio de Antas serviu de modelo, em 1831, para a da Igreja de S. Pedro Fins de Belinho. Toda em granito, ela deverá ter sido feita em 1825, tendo depois transitado do templo primitivo para o novo.